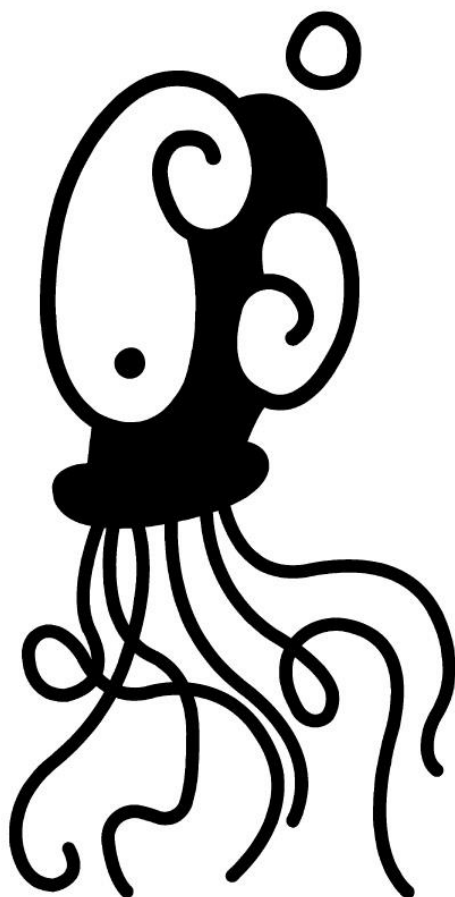


– hematopoiese –

os caminhos do sangue

Luk Ank

Ilustrações de Patrick Andrade



I - urro.....	003
II - provocar.....	020
III - divagar.....	037
IV - nostalgia.....	058
V - sublimar.....	074
VI - portador da luz.....	091



I - urro

antes que eu me coma

antes que eu me coma
preciso te contar
dos céus que
eu inventei
dos lindos
e soberbos
vórtices
de
vertigem
e glória
nos quais
eu entrei
só para
apagar
teu
nome
da minha
memória

meu livro
das sombras
abarroado
com teu
garrancho
teu shampoo
e a piada elementar
dessa melancólica
história

nada absoluto

de tanto passar
fome
gritando
pelas
mazelas
do
silêncio
do
teu nome

o cabelo
branco
ainda
resiste
da memória
pérfida
que ainda
insiste
da promessa
vã
de dias
menos
tristes

do fuso
horário
que separa
nossos
sonhos
equivocados

dos equívocos
que tramo
para ser
condenado
a uma eterna
danação
sem deus
sem mentiras
sem desejos
sem
vida

Rio-Santos vazia

não se distinguem
maiúsculas angústias
de minúsculas perdas
Paraty ecoa ausências
do que já foi um dia
chove sobre meus planos
arde e cheira paralisia
ressignificar símbolos
é assim tão certo
mas desencaixar êmbolos
é assim tão abstrato
as seringas cheias de ar
e os manguezais alagados
minha vontade natimorta
espalhado na cama vazia
remói sem pedir licença
dói mais do que deveria

blackmetal bossanova

não falo
do fundo
do meu
coração
pois
este
é
abissal

de onde
emanam
trítomos
e
canções
pestilentas

de
todos
os amores
natimortos
o teu
foi
o
mais
gutural

e
de
todas
as
chagas
a ti
dedico
as
mais
purulentas

a ciência da covardia

olho
por alguns minutos
covarde
e
aflitamente
seu último
parágrafo

pergunto
se você
chegou
a me amar
fora
dos versos
e versículos
fora
dos termos
satânicos
e
bíblicos
fora
dos
argumentos
empíricos
da sua
personalidade
tóxica
suicida

eu te criei
como uma
incógnita
em
mim

e quando
escoem
as
interrogações
e as
falácias
já estou

só
e
em
perdão
que fale
a sua língua
taciturna

platônico recursivo

te amo
mas me
mantenho
seguramente
distante
e
impotente

sou fogo
que arde
sem te
ver

sou inverno
polar
que não
tem
amanhecer

o coito
interrompido
pós
vasectomia

quem só
tem o amor
estéreo
da
poesia

nada para se encontrar

entre uma angústia
e outra
pieguice

procuro
o anzol
do marketing
digital

procuro
apoio
das mentiras
anônimas

procuro
um coração
nem que seja
de rede
social

procuro
som
da multidão
em estádios
vazios

procuro
voz
em podcasts
e olhares
em séries

procuro você
no meu colchão
e razão
nas intempéries

depressão

dói sair
da cama
ardem
os pensamentos
como nuvens
empedradas

a vontade
é uma falácia
toda tentativa
é artificial
e o sorriso
impossível

a montanha
ao longe
chora
o mar
distante
grita
o coração
interno
gela
e
adoece

nem sei
por onde
respirar

deixo
aos pesadelos
do meu
inconsciente
o fio-guia

a vida
ainda
voltará

pagando brabo

sempre foi
uma tragédia
anunciada

mas eu era
um mártir
irrevogável

por um curto
período
insubstituível

pelo resto
do tempo
odiável

agora
enlutado
e invisível

sempre foi
uma tragédia
anunciada
te dar
tanta
atenção

mas se é fogo
e queima
não basta
a ciência
quero pôr
a mão

em cima do piano

eu durmo
com a guarda alta
e o maxilar
teso
e a dúvida
de ser
mais
do
mesmo

todos os dias
abro
contagem
de pontos
para
não virar
presunto

se minha
ânsia
te adula
leia
minha
bula
e evite
tomar
sua dose
homeopática
da minha
presença
patética

eu já
não faço
mais
questão
ter
importância
sou a mão
que o caixão
balança
algo perdido

na mentira
da
infância

na clínica (flores do mal)

o médico cocainômano
com sua barba
exacerbada
gritando
CANALHA

o guitarrista
que se apaixonou
por alice in chains
e tentou se matar
comendo
pilhas
palito

o esquizofrênico
amante de erva
que sabe de cabeça
todas as linhas
de ônibus
do Rio
e rouba
sabonetes
para comer
escondido

o famoso
ator
espaçoso
e desequilibrado
com seus dilemas
de autoimagem

o cara que traz
drogas
bem
escondido
nas partes
íntimas
e te
oferece
no quarto

(as drogas e as partes íntimas!)

a pequena
menina
iludida
por um grande
amor
platônico
e por
giletes
socráticas

e eu
um pouco
de todos
e
nada
de
ninguém
vendo poesia
quando
isso
é tudo
o
que
se
tem

devassidão insone

com um pesar
irônico
percebo
que meus dez
minutos
de fama
são
mais
dez
minutos
na cama

nossa dança

você é tão
convicente
na dor
parece que dubla
as próprias ideias
quando se esforça
para não se desfigurar
quando a lágrima
inunda a face
e meu sadismo
se torna
pleno
ao beijar seus lábios
ressecados
para sentir
o gosto de sal
antes
de pedir
que você vá
para
sempre
deixando
a porta
aberta
as luzes
acesas
e a corda
deliciosamente
pendurada
com seu
eterno
silêncio



ll - provocar

serafim corrupto

setembro
e sua pulsão
por carne

nego-me
três
vezes

a negação
atrai
o pronome
que
nunca mais
se fez
presente

impaciente
e faticamente
meus tornozelos
clamam
pelo desejo
do objeto
que
me
entediará
em um furtivo
futuro

e eu
tão
biliar
e
imaturamente
respondo
à raiva
com
extorsão

e
assumo

não
haver
mais
ressureição
em
dezembro

falácia do espantelho

desde que
você me deixou
sou a versão defasada
obsoleta
não por sua causa
haja vista
nossa incompatibilidade
mas por falta
de algo maior
ainda que
insuportável
amorfo
e carniceiro

pois sigo suspenso
em uma vigília
quase que
inerte
e fico entretido
com áudios
de caixas-pretas
incoerências
ocultistas
e poesias
tortas
anarquistas
na iminência
de um dia
você voltar
desejando
me ferir
com
os cavaleiros
do apocalipse

amnésia

esqueça-me
dos teus livros
rabiscados
das tuas composições
encomendadas
das tuas xícaras
de café
silenciosas
da tua literatura
minha
senhora

esqueça-me
dos teus poemas
mal versados
da tua prosa
pseudorimada
da tua libido
incontinente
do teu ódio
aparente
dos teus sentidos
incoerentes
da tua fé
ratificadora
do teu choro
de gangorra
do teu sorriso
onde quer
que eu
morra

considerações póstumas

peçoas e preços
pecados
por
sonhos
princípios
por projeção

qual é o valor?
centavos?
reais?
dólares?
atenção?

todo gostar
é abuso
à minha
integridade

a crase facultativa
me gera
crise
de ansiedade

me apaixonei
pelo estranho
recalque
dela

chamei
de amor
o que era
senzala

volição

avalio meus passos
quando
pós-acidentado
ossos
expostos
sangue
arterial
em cascata
pedaços
do que
era
uno

avalio meus passos
quando
pré-acidentado
será
que
tenho
que
passar
por esta
hecatombe
ou posso
me obstar
ao caminho
fúnebre?

ainda não
houve deus
que me
respondesse
a questão
assumimos
os riscos
por diversão
e com medo
do céu
estar cheio
de almas
entediadas

goiabada com queijo

pelo tempo
que quis
morrer
desejava
inundar
de culpa
quem
sobreviveu

pelo tempo
que quis
viver
jurava
bastar
cicuta
você
e eu

gelo ácido

é estranho o seu silêncio
você que falava tanto
é estranho seu despreço
você que se importava tanto
é notória sua indiferença
você que ainda lutava
visivelmente
o medo de perder
deu lugar à crença
de que todos somos
substituíveis

ex-pectativa

é impossível viver como espectador
se há tanta ansiedade
tanta insaciedade
tanta expectativa
e me falta
maturidade
para te ver
feliz

cordas e loop

como podem
adversários
deitarem
lado a lado
após um coito
quântico

o que
nos
aproxima
é a
nossa
mútua
repelência

seu instinto
retesado
e
meu
complexo
de
indecência

allegro
ma
non
troppo

o que
a
torna
satisfeita
é a negação
de ser
feliz
quando
chegamos
perto

tão
perto
mas

tão
errado

é o
terror
de
saber
que
tudo
que
sabemos
é
apenas
parte
intuitiva
da
nossa
própria
utopia
de
simulação

vibram
nossos
microdeuses
para julgar
nossos
micropecados
dentro
da falácia
de nos
levamos
tão
a
sério

amor barato

a segurança
instantânea
que ele
te dá
tem o prazo
da sua
juventude

mas eu também
vendo
barato
minhas
esperanças

o sussurro
do teu
corpo
que mais
me atraiu
foi
o
de
desespero

e o meu amor
tem o prazo
da
conquista
e
da
solicitude

perdão
por não
te contar
eu mesmo
não sabia
que doentes
atraem
doentes
e que
continuarão

em busca
da cura
em outras
camas
outros
maços
novas
dores
inexprimíveis

entretenimento barato

a arte
de transformar
tempo perdido
em poesia
diálogos
rasos
em
crucificação
amor
em
latência
atenção
em ausência
suicídio
em
tradução

a arte de ser
profundo
profano
e mesmo
assim
ser
tédio
nas válvulas
covardes
do seu
coração

letalidade

letal
como
o ritmo
sedutor
de quem
te adula
com a isca
temperada
do elogio

por método
de sobrevivência
fiz pouco
de ti
em
mim

antes
vazio
do que
cheio
de
gás sarin

o coração
agora
hipertrofiado
age
com profunda
indiferença
antes
vazio
do que
cheio
de
fentanil

teu
orgulho
é poder
dizer
que enfim

ele
desistiu



III - divagar

antes do bagaço

o gosto de
caldo de cana
com limão
que tem
a paixão
quando
se ama
ter
pretensão
de não
ser
só

cremação

nítido como
comprar
a guerra
alheia
faço suco
do que
tenho ouvido
desta
repressão

não é
amor
sempre
foi
apego
e eu
confuso
com tanta
distorção

desligo
seus
canais
torno
importante
o que
volátil
não
se
desfaz

não
farei
questão
de te ver
nem no
final
e não dói
apenas
arde
como
sal

dessintonia

às vezes
como no fusion jazz
eu posso falar muito
e você entender algo
mas no fundo
não quis dizer
bulhufas

e de vez em quando
quero dizer muito
mas as palavras
são viciadas
ébricas
em jogos
de azar

pois sigo
como pai
do ruído
todo verbete
agora
é um risco
de ser mal
interpretado
inclusive
quanto
estou
aflito e
calado

aliança cancerígena

desde que
foi corrompido
meu pacto
contigo

tanto faz
barganhar
com deus
ou com
o diabo

tanto faz
publicar
um livro
ou permanecer
no anonimato

tanto faz
sonhar
se o
pesadelo
é acordado

tanto faz
estar
no perdão
colérico
ou em
pecado

tanto faz
jogar
se o rei
já está
tombado

não vai ser diferente

paixão
é
estar doente
achar coesão
em viver
incoerente
solo de jazz
em rock
decadente
é se sentir
são
com as chagas
aparentes
é sorrir
altivo
após
perder
todos
os
dentes

aterramento

muito amor
para gastar
tentando
ser fiel
às expectativas
das minhas
fantasias

descaso

esse
desgaste
lancinante
em conhecer
pessoas novas
e sentir
o corpo
cair
e
cair
nesse
poço
infinito
de
prosa
morta

poesia em desencanto

poeta
você está se tornando
repetitivo
suas palavras
são becos
afônicos
seus mantras
sequelas
seus amores
distônicos

poeta
sua singularidade
é plural
os tropeços
mnemônicos
cada vez mais
ecoam
igual

poeta
sua solidão
lhe agride
como uma
seita
você
não encara
o mundo
apenas
aceita

poeta
você é
a metonímia
da sua obra
deletada
você acerta
com a rima
errada

salve-se
poeta

do inefável
da ilusão
do controle
pelo verso
há mais
na poesia
do que sonha
seu vão
universo

no campo das tertúlias

no âmbito
dos verbos
minha amostragem
é a preguiça

na seara
do hediondo
minha qualidade
é dissimulada

no que tange
aos crimes
vocifero
vernáculos

no rol
dos pecados
triunfo
hedonista

na insanidade
dos adjetivos
delineio
você

pulp fiction

eu não sei o que aconteceu no meio do caminho
como uma criança adoecida em seus escombros
como um refrão que não tem palmas
como um ponto quântico indeciso
a obsessão maníaca se aproxima
soando como um personagem
assustadoramente violento
de um roteiro mal escrito
por Tarantino

a cabeça descritiva

a cabeça descritiva
tudo é narrativa
se tento meditar
o texto se apresenta
inspiração
fluxo de palavras
expiração
angústia

não há transcendência
quando tudo
vira bloco de notas
mental

não é sazonal
é tudo refluxo
do complexo
emocional

se tem amor
tem dilema
deixo a vida
vivo o poema

modernidade

não sei quais frequências
perpassam meu corpo
quando escrevo
sobre a reunião
das nossas
digitais

se perco mais
cabelos
tanto faz
a cabeça

se perco
o tempo
a hora
o instante
que debuta
o avatar
distante
que agora
representa
toda sua
existência

se rebelde
minha língua
impede
minha
euforia
o poder
de deletar
tudo que sinto

e volto às
palavras erradas
às entradas
não requisitadas

e no silêncio
finjo que
ainda
posso

ouvir
você
chegar
com alguma
proposta
indecente
que me tire
do tédio
de ter sempre
o que fazer

ânsia – o beijo do amanhã

às vezes
nem é
senso
de
urgência

é
só
aceleração

incontrolável
sincera
e
perturbante

é provável
que nada
do que
se
espera
aconteça
com os
moldes
deste
retrato
futuro

mas desponta
o desespero
por ser
algo
distinto
do
que
é
agora

infidelio

volta pra casa
quando
o sol
cessar
tua esperança

volta pra mim
quando
do pó
te
redimir

volta pro fundo
denso e terroso
dos teus
lençóis

volta pro sonho
de ter noite
sem
fim

o seu estilo

 você acha seu estilo
 quando dá mais valor
 ao ódio do que ao amor
 quando franqueia
 a entrada dos
 sentimentos
 inóspitos
 para viver
 um dissabor

 você acha seu estilo
 quando deixa arder
 quando tem rituais
 densos
 quando anarquiza
 o status quo
 das palavras
 quando não liga
 se a rima é alva
 ou se a alma
 é fraca

 você perde seu estilo
 quando tenta plagiar
 bukowski
 quando tenta entender
 clarice
 quando tem
 viés de confirmação
 quando se importa

 você perde seu estilo
 quando seus medos
 se fantasiam
 com suas melhores
 pretensões

 você reencontra seu estilo
 quando tudo que resta
 é uma caneta
 um estilete
 e o desespero

literata

quando penso em você
parênteses
quando penso em mim
asterisco
quando penso em nós
epitáfio

encaixe lúdico

ainda resistem os mistérios
nos quebra-cabeças
de peças perdidas
e suicidas
que demonstram
a incompletude
clínica e crônica
do pseudoestrabismo canábico
do tique do TOC
da sobrevivência da bossa
da tropicália orientalizada
do amarelo capricorniano
da mentira necessária
da verdade como ofensa
da ofensa como proteção
do medo de ser só
do temor de ser
sempre
a peça
que não
se encaixa
na minha
frágil
e
pretensiosa
utopia

behaviorismo

minha língua é uma
arma
silenciada
as palavras saem
já sabendo
que é uma
cilada

enfio a unha
na carne
quando tenho
pensamentos
dolorosos
minha consciente
muleta
contra culpas
e remorsos

toda arte
antes de ser
arte
é
desespero
posto que
tua atenção
sublimo e
espero

e eu já me habituei
a perder sem choro
a vencer sem
euforia
a diligenciar
sem foro
a lembrar
na ode tardia
que depois
de nós
sempre tem
um pós



IV - nostalgia

AmarEla

ela não está lá
e eu sinto sua ausência
como se sua entrada
fosse minha grande
expectativa

e ela entra em cena
mas eu não olho
meu foco é míope
e por algum motivo
meu terceiro olho
é minha visão
periférica

ela se movimenta
eu não converso
eu não admito
o incômodo
e todos interagem
mas eu sou
a negação
da negação

ela existe
mas até
meu deus
é ateu
e dissimulo
não acreditar
no que
não vejo

ela e os outros
conversam
riem
fazem as coisas
que a vida demanda
por cura do tédio
e eu sigo quieto
emulando atenção
em qualquer ponto
fora do seu perímetro

ela não me olha
ela não me chama
a ela eu não estou
ou ao menos assim
me convém
o pensamento
de manter ela
como o sol
em perspectiva

não sei quem
ignorou o outro
primeiro
só sei que é
assim
o mérito
do pretérito
do presente

e às vezes
eu coloco
minha própria
existência
em rifa

e ela está lá
e minha
atuação
intensa
na indiferença
acaba sendo
minha
essência

ela
nunca
se torna
você

e o despertador
toca
fascista
e

eu grito
anarquista
para ele
se calar

nasce
mais um
dia
sem sabermos
o porquê

a cota do silêncio

preparo comida
pra dois
como sozinho

não há torpor
que me baste
dispenso
o vinho

tento
recordar
o cheiro
pré-apocalíptico
da humanidade

percebo que
o medo
da sua presença
é saudade

a pia está sempre
limpa
as baratas morrem
perto dos ralos
os remédios
militarmente
energizados
e o silêncio
em telas de LCD
faz deserto
por todos
os lados

30 moedas de prata

reflito
melancolicamente
sob o efeito
da cafeína
e dos inibidores
seletivos
da recaptção
da serotonina

não há
justiça
nas relações
diplomáticas
e bélicas
entre
nós

ora treinava
contra mim
uma futura
adversária

ora era eu
covarde
no complexo
de pária

eu e você
nunca
mais
nos veremos

somos
rima forçada
padrão caótico
da mais bruta
mútua traição

somos
o enforcado
a culpa
o diabo

o que está
finalizado
irreformável
doente
e
eterno

o nada que me habita

estou tão cansado
que meus pés
não me enxergam
mais

penso em te escrever
para falar que estou
doente
de tão
são

imagino como
era bom
beber
no
teu
gargalo

e me
perco
na conjugação
verbal
por não
ser
mais
pronome
possessivo
pra
ti
por não
ser
mais
Tiago
nem
"Ti"

não
ser
nem
ao menos
"se"

o que não se fala

um pequeno apego
à tristeza e ao passado
ao ressentimento
ao não falado
às inimputáveis
coerções
do amor

silabação

chegará o dia
no qual deixaremos
de ser
um ressentido
e estéril
hiato
para gozar
juntos
em um
promíscuo
e sincero
ditongo

tempero do tempo

por um tempo eu só quis
escrever coisas positivas
dissimular a natureza
putrefata
das relações
findadas

por um tempo eu só tinha
a esperança em um calor
menos congelante
do que
esse seu amor
culpado

por um tempo quis esquecer
do suicídio descarrilhado
que o universo
provocava
com a lembrança
da sua nudez

por um tempo
não soube
dizer
adeus
ao salgado
das suas lágrimas
que me recordavam
a existência de alguma
humanidade
no seu olhar

domingo “no park”

o domingo começa
assim como
o mundo
tem que acabar

o refluxo varonil
tem a acidez
nivelada
pela pizza
gelada

provoco uma briga
em um fórum
acerca
de sons de pássaros
notívagos

revejo
o árbitro de vídeo
dos meus erros
e dos meus ódios

não sai gol
nos meus jogos
apáticos
de palavras

não há mensagens
no meu celular
e analiso
se isso
é bom
ou
desesperador

está sol
e
está
frio

tem morte
e entretenimento

na televisão

e eu penso
de alguma forma
quando foi
que perdi
a vontade
de te
participar
do meu
fim

menininha difícil

lembro dela
como um olhar
calmamente
embriagado
de interesse
mistério
e melancolia

lembro dela
como quem se perde
e passa por ruas
que já passou
à noite
mas nunca
de dia

lembro dela
como uma música
cujo refrão
eu canto
errado
e fica melhor
do meu
jeito

lembro dela
como uma praia
do litoral sul
que não visito
desde a minha
infância
mas que
ainda
ouço
o batuque
do vento

rima subentendida

quanto tempo faz
que a gente
não ouve
juntos
Vinícius

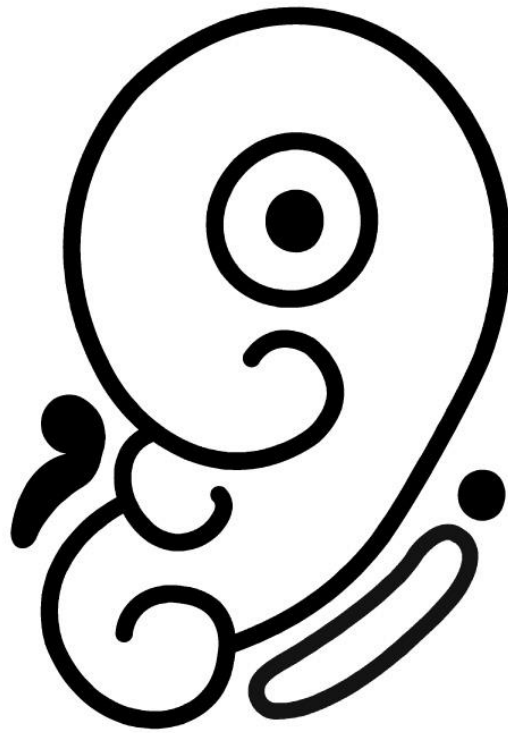
quanto tempo jaz
que vírgula
nem ponto
mais

de todos
os meus
amores
errantes
você
foi
quem mais
me acertou

e eu
finjo
que carrego
romance
mas
de fato
e
de fardo
só carrego
você

excesso de empatia

penso
no que não é meu
e tentei abraçar
como se por
extensão
ao
(pouco)
carinho
que
mendigava
de você



V - sublimar

sublimar

não venho aqui
insultá-la
venho
tão somente
apagar a memória
da masmorra
eufórica
que tenho
daqueles dias
viscerais

nul0

a poesia
como
silêncio
e
grito
perfaz a
isometria

retumba
a
dor
ancorada
dissipa
o

que insiste
em não
existir
vira
essa
fuligem
de quase
amor
de quase
nada

são thomé letrado

eu que ando
vigilante e
descrente
no culto
misantrópico
dos que se tornam
resto

às vezes
transito
entre a
síndrome
de Estocolmo
e o narcisismo
vulnerável

percebi
a
falta
que
faz
morrer
aos poucos
pelas mãos
alheias

reflito
reluto
e ressinto

o e-mail
que nunca
chegará

a visita
a quem
nunca
oferecerei
café

o plano

que
nunca
sairá
dos
espaços
imagéticos
das entrelinhas
do
poema

ausência tributária

tanto tropeço
no acróstico
do teu nome
que o que quer
que aconteça
perco a rima
perco a cabeça
sem compostura
nessa sutura
posta à mesa
rente à cama
que nunca
amadurece
é um perdão
odioso
que
rebobina
tributa
e do nada
renasce

só susenido

o ruído branco da sua ausência
minha nova agonia na sapiência
a neve que não cai neste país
tudo que faço e tudo que fiz

o preço do luto que me afronta
o rude do vinho que molha a ponta
meu novo cambalear consagrado
vida que arde sem som ao meu lado

as plantas que rego para adornar
a tumba velada que chamo de lar
a noite que mato em só susenido
dor que acalma se tem um sentido

digo o que digo ou me calo aflito
sublimo a lenda aterro o mito
urro suas consoantes plurais
escrever sempre; viver jamais

mitose e mesóclise

quando a lágrima
não enxuga
a raiva
e só
restam
as questões
atômicas
sobre
a necessidade
de aplausos
atenção
e fazer
sentido
eu me
volto
torto
e
atemporal
ao
princípio
hermético
da criação
do mito
do
amor

ansiedade

não se ajusta ao presente
a minha incômoda vontade
de angustiar pelo incerto

não adianta bater
eu quase nunca
estou aqui

sobrevivência

ainda que
haja
hiato
erro
fraqueza
além de tanta
dor e
desencontro
a cabeça
se ergue
depois
da noite
mais sombria
e da chuva
ácida
dos que
admitiram
a derrota
mas seguem
em frente

pseudoriso

you maltrata
sua criança
interna
quando
se
orgulha
da
pr3pria
indiferença

eu ainda
tento
arrancar
o band-aid
que
cobre
o esc3rnio
de n3o lembrar
os traços
m3rbidos
da sua
face

e est3
tudo
bem
quando
a dor
de mentir
3 menor
que a dor
de n3o
dormir
e seu
riso
tem
o som
do
matadouro
e a cor
do
aoite

e está
tudo
bem
quando
você
dissimula
um caminho
leve
e
pacífico
enquanto
mastiga
as lâminas
daquilo
que fugiu
da sua mania
de controle
embebidas
no suco
ácido
do fracasso
em ser
feliz

garoto mau

deixando pelo caminho
corações partidos
expectativas
bitucas
e evasivas
formas
de dizer
te amo

o desdém de Zaratustra

o pior da humanidade
está contido
em nós

acusadores de Sócrates
carcereiros da paz
não deixamos
dormir
Morfeu
alimentamos
Schopenhauer
com os versículos
que nem Deus
entendeu

e não há nada
de errado
nisso

se sou
reflexo da escória
estou também
contido
como
carga viral
na coletividade

o que rasteja
também habita
a parte
de cima
todo dia castrado
admirando totens
em um gozo
patricida

a forma desnatura
o conteúdo
e sua tentativa
desesperada
de felicidade
e bonança

é o que te
leva
a reiterar
sua
mais
perversa
criança

facetas

ora
dionísio
ora
narciso
às vezes
até
precipício

mas meus átomos
gritam
deixa disso

ser ou seringa

o que há de venenoso
nos seus lábios
intravenosos
que mordem
minha
carne

regurgito
de tanto
ansiar
por
você
cheia
de ar

calando
minha melancolia
de lembrar
que acreditei
um dia
ser par

erro na tradução

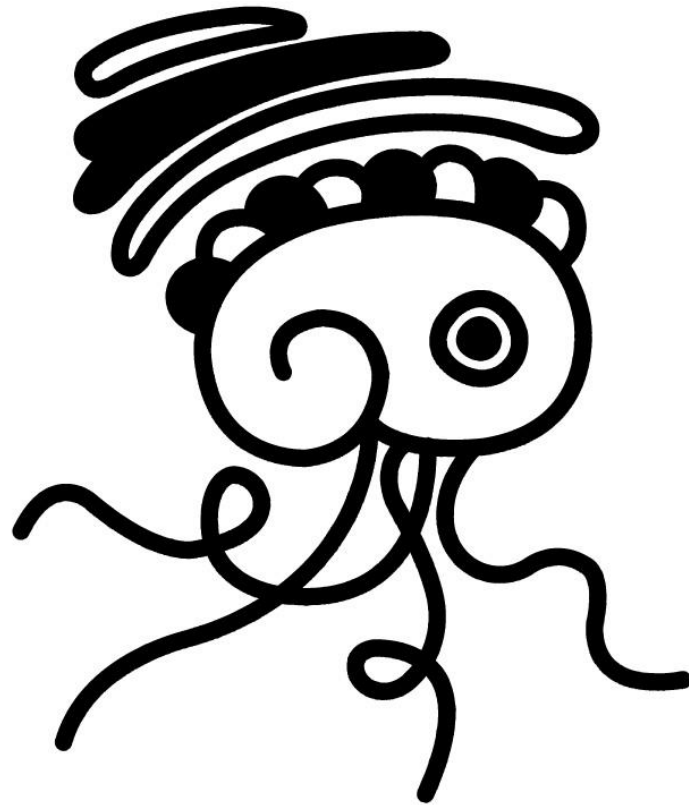
não há mais fogo
nem colo
nem
dedos
queimados
em mel

não forço
sua atenção
nem posso
ser fiel
ao que sinto

futuros
desperdiçados
sonhos
empalados
ao te ver com outro
enquanto
escrevo
sobre

nosotros

e desfruto
uma nova
linguagem
silenciosa
onde impera
a ausência
de prazer



VI - portador da luz

estrela da manhã

eu vim te vender
versos
pré-formatados
enunciados
potestativos
de abstinência
carência

teu egoísmo
é tão belo
e roto
que ofusca
o perdão
divino
que
eu
tenho
que
exigir
vadio
todas
as
manhãs
que tardam
a acordar

mas vê
já é manhã
de novo
o mundo dorme
e eu já estou
cheio
de cafeína
e milhões
de indagações
sobre o paradeiro
da guerra
que eu
perdi

arremeter

ouço gritos
sussurros
permissividades
quando
me
deito

poemas
concretos
líquidos
perfeitos

alguém canta
do lado
de lá

às vezes
não sei
onde
estou
não sei
se
dormi
não sei
se
morri

sei
que
a parte
tenra
de estar
vivo
é poder
me ausentar
de tudo
que já
vivi

fogo-fátuo

parece
loucura
mas
às vezes
segundos
antes
de
adormecer
embebido
em
torpor
e
lençóis
manchados
consigo ver
através
dos
teus
olhos
e
sentir
minha
presença
dentro
dos
teus limites

reduzo
minhas
considerações
ao fogo
que
me
perturba
e
paralisa

sei lidar
com
teu
ódio
e

tudo
que
te
incompleta
em
mim

sei lidar
com
tua
indiferença
e
todo
esse
silêncio
vestido
de
ruído
adjacente

mas
o
teu
amor

ah!

esse
me
destrói

como
nota
discorde
da
pretensa
harmonia
sorumbática
que adorna
minha
controversa
existência

se existir deus

se existir deus
e isso é irrelevante
deve se ser sentir enjoado
com tanta mendicância

eu já pedi tanto
por um enfarto
por uma mulher
por uma saída

hoje
o presente
me satisfaz
com suas
imperfeições

e meus ensinamentos
vêm dos meus maiores
fantasmas

se existir deus
e isso é irrelevante
ele sorri amarelo
observando
minha tenra
emancipação

ponto de desencontro

não
não escrevo
para você
nem por
você
muito menos
por mim

escrevo
porque
algo
quer
ser
dito
corrompido
elaborado
em sua
sintética
pornô
grafia

o transe
das palavras
a conjuração
dos verbos
o registro
dos
escafandros
sufocados
em
poesia

não
não escrevo
para fazer
borda
sintática
a sua
fotografia
hoodoo

não

não escrevo
para
dar
aso
a sua
mania
homeopática
de
i love you

Ctrl + Alt + Love

quando
as portas
da misericórdia
se fecharem

e
o mar
vermelho
sangue
cair
em
nossas
cabeças
e
narizes
obtusos

você
discursará
sobre
o amor

com aquele
atípico
jeito
de quem
não admira
a
aurora
boreal
e só
sente
segurança
quando
pertencente
à roda
dos
escarnecedores

e assoprará
cicatrices
na minha
coxa branca

em forma
de liras
proféticas
estabelecendo
a nova
tabela
dos
honorários
do
perdão

a gênese do caos

no princípio
era o tédio
e o tédio
estava
comigo
de repente
e improviso
um olhar
tergiversado
e um
sorriso
e
além
da
inércia
veio
a luz
causar
com
as
trevas
em uma
escala
cinzenta
impiedosa
de
inconstâncias
e aliteraões

destruímos
nossos
pequenos
paraísos
de
segurança
pela
esperança
da dor
ter fim
e sermos

adorados
como
os
deuses
sádicos
que
plantam
árvores
e proíbem
o prazer
de seus
frutos

mas
o preço
inconsciente
do pecado
é que
apenas
trocamos
a pele
das
serpentes
que nos
habitam

e na calada
da culpa
busco
iluminação
deste caos
na
saturação
semântica
do
seu
nome

efeito thatcher

tanto faz
o seu
já
vai
tarde
ou
até
nunca
mais

tanto faz
o furo
do mundo
ou
novos
portais

tanto faz
amores
eternos
ou
paixões
sazonais

parecem
becos
distintos
mas
são
todos
iguais

mientras hablamos

eu que já disputei
há tempos
e ventos
não faço
concorrência
para te manter
curiosa
admirada
entretida
e
perdida

e isso
é meu
intangível
viés
inalcançável
desejo
volúvel
perdão
irretratável

assim
infantilmente
breco o ritmo
do poema
quebro o tom
da música
torno minha
ânsia
em
saudades
pênsil
de quando
eu queria
alguém
que
me
desequilibrasse
nos silêncios
das
entrelinhas

autopsia

eu que já fiz
do teu
pedido
um
arbítrio
da tua
sobra
um
abrigo
do teu
desejo
um
conflito
e da tua
lembrança
minha
distância
estudo
contemplativo
o arco incompleto
dos inúmeros
personagens
que habitam
dentro
de
mim

camuflagem

não importa
mais
ter
argumento
ser
homônimo
pseudônimo
ou
ser
escrito
pelo
vento
não quero
endireitar
tuas
caligráficas
curvas
ou verter
teus pensamentos
às minhas proposições
sofismas
e
epifanias
alhures

quero
a
paz
de quem
passa
sem
ser
notado
de quem
não tem
flores
nem
caixão
fechado

quero
a
importância
de um
desdém
cafeinado
mais
aconchegante
do que
de fato
lembrado

